

A casa *do senhor* *Malaparte*

Texto **Joana Couceiro**

Ilustração **Mariana Rio**





A casa *do senhor* *Malaparte*

Texto **Joana Couceiro**
Ilustração **Mariana Rio**



Que casa tão estranha.
É a casa do senhor Malaparte
e é uma casa muito estranha.

Parece um animal a hibernar,
ou um barco a atracar,
ou ainda...

...um lagarto embriagado de mar
a apanhar banhos de sol,
sem se molhar.

Tem a pele vermelha.
Será um escaldão?
Lagarto, lagarto!

Talvez fosse melhor mergulhar.

Mas se se atirasse à água
deixaria de parecer o lagarto
para parecer o barco a desatracar.

Mas que grande confusão.
Mas que grande embrulhada.
Afinal em que ficamos?

Talvez seja melhor voltar ao início,
esquecermos o barco e o lagarto
e escolhermos o animal a hibernar.





II

A história da casa estranha
que parece um animal a hibernar
tem gente dentro:

O dono, um senhor chamado Malaparte,
o arquitecto, chamado Adalberto,
e o mestre pedreiro, sem nome para chamar.

Nesta história entram ainda,
ainda que sem protagonismo:

a empregada, chamada Maria,
as amigas, chamadas Favoritas,
e os amigos, com muitos nomes para chamar.



III

Era uma vez o senhor Malaparte.

O senhor chamado Malaparte era escritor.
Escrevia.

Diz-se que, para escrever melhor,
procurou uma ilha num lugar distante.

A ilha chamava-se Capri.

O escritor chamado Malaparte
escolheu um lugar dessa ilha
(a ilha que se chama Capri)
para construir a casa onde melhor escreveria.

Como tinha mau feitio,
depressa dispensou o arquitecto Adalberto
e a casa foi crescendo, sem ordem nem projecto,
com os materiais que ali havia.

Rochas, mar, horizonte, solidão.

Nem tijolo, nem betão,
nem arquitecto, nem desenho,
apenas as memórias do escritor
e a ajuda do mestre pedreiro.

A ilha chamava-se Capri.



IV

Foram meses e meses a esculpir a paisagem,
a falar com as montanhas e a deixar as montanhas falar.
Em surdina.
Ao ritmo do vento.

Vento vai, vento vem, vento vai, vento vem.

E enquanto o vento ia e vinha,
uma nova casa nascia.
Ali, onde a rocha encontra a montanha.
Ali.

E assim, vista da montanha,
a casa é montanha, ainda.
E vista da rocha,
é rocha, também.

A casa do senhor Malaparte pertence-lhes.
É filha desse encontro feliz.
Feliz.
Para sempre.





No piso da entrada o senhor Malaparte construiu,
de um lado, um pequeno apartamento para receber os amigos,
do outro, por baixo da escada que desce do terraço, os aposentos da Maria.

A eixo da entrada fica a taberna para servir refeições
(Maria fazia as refeições)
e a escada que sobe para o piso superior.

Lá em cima,
a casa conta-se através de uma sequência de espaços,
mar a dentro.

Primeiro, a sala:
um imenso átrio despido, recolhido dentro,
com uma lareira que aquece e espreita fora.

Nas paredes da sala quatro janelas pintam a paisagem
e, ao fundo, abre-se uma porta.
Mar a dentro.

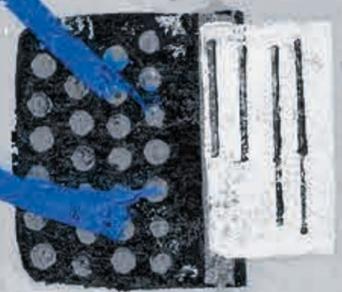
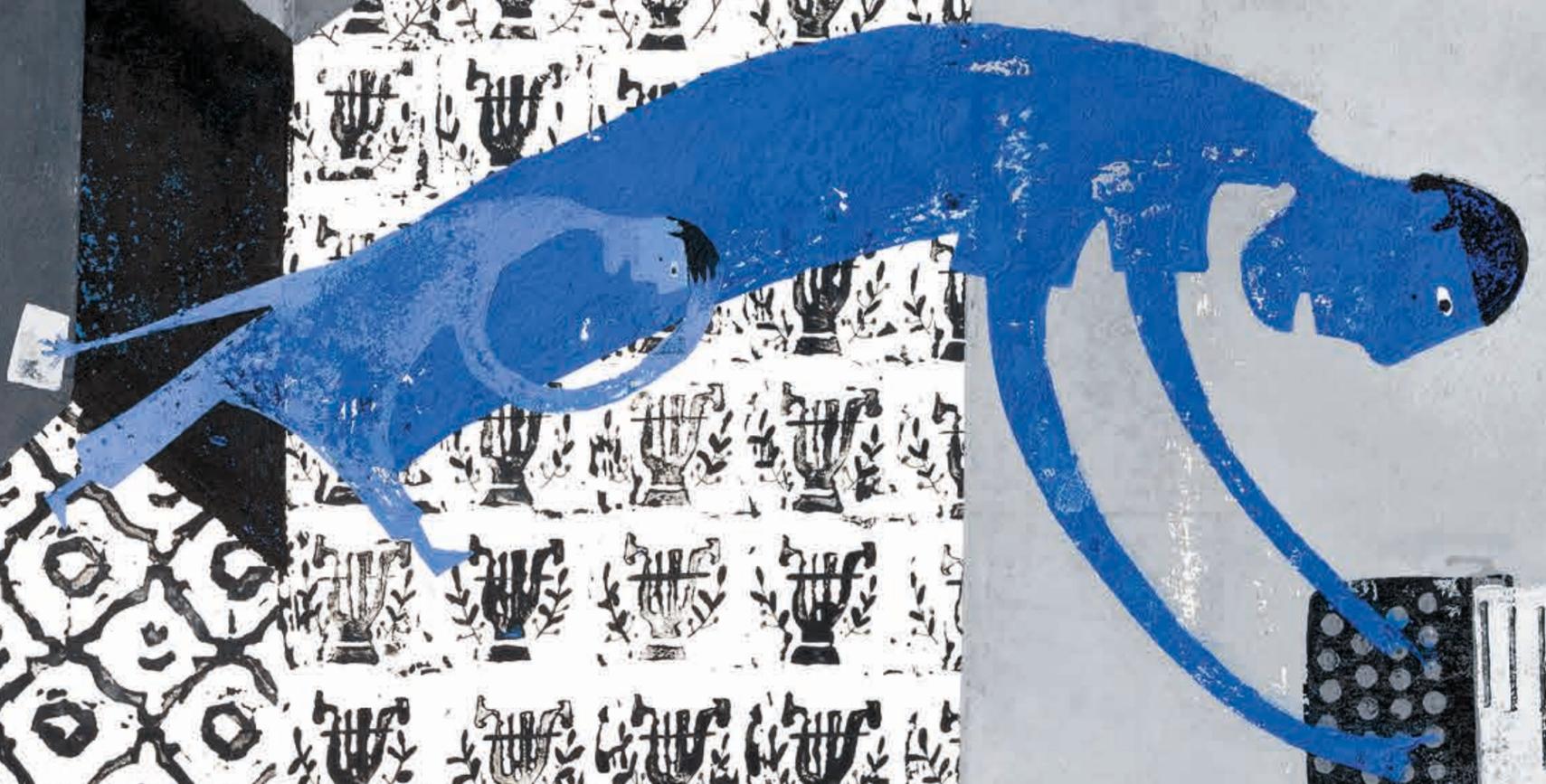
Para lá dessa porta mais duas portas havia:
à direita, o quarto do senhor Malaparte
e à esquerda, o da amiga Favorita.

No seu quarto havia ainda uma outra porta para abrir.
Por trás, com os olhos postos na linha que separa o céu do mar
esconde-se um lugar.

É o lugar dos livros.

Livros por todo o lado, livros nas estantes, livros no mar.
Na última de todas as portas,
o seu lugar.

Mar a dentro.



VI

A casa do senhor Malaparte é gente de verdade.

Fala pela porta.
Respira pelas janelas.
Transpira pela chaminé.

Quando o vento sopra e o mundo parece chorar,
a casa fecha-se dentro,
mal se ouve respirar.

Mas logo vem o sol,
a porta abre-se e a casa diz:
– Estou aqui.

Procura os olhos de Malaparte
e devolve-lhe o olhar.
Em azul.



VII

É uma conversa cúmplice.
Em voz baixa.

Malaparte ama-a verdadeiramente.
É uma casa como ele. Só.

Cheia de gente em potência,
de amigos por vir, de Favoritas,
de histórias, reais, ficcionadas.
De cinema.
De Godard, de Fritz Lang, de Piccoli,
de Brigitte, de Camille.

De 'desprezo'.
De solidão.

É uma casa como ele. Livre.
Malaparte ama-a verdadeiramente.



VIII

Sobe a escada como quem desce uma pirâmide.
Anda de bicicleta como quem deseja voar.
E depois de sentir as nuvens (e nas nuvens),
desce por um caminho estreito até às profundezas do mar.

E mergulha.

Só ele e azul. Aquele azul.
O azul do céu é o mesmo azul do mar, não há como os separar.
Malaparte quer ser azul, também.
No silêncio do calor, Malaparte é azul, já.

Malaparte azul conta o mundo à sua frente.
É daqui, em tons de azul, que Malaparte vê o mundo todo.
O mundo que cabe dentro.
Dos livros, de si.

Dentro.

Malaparte é azul, é casa estranha, é animal a hibernar, é barco à deriva.
é lagarto.
Embriagado.
Tanto faz.



IX

Nada, nada, o corpo nada.
Nada de morada, nada de lugar.
Entre aqui e ali, nem aqui, nem ali.
Nada, nada, o corpo nada.
Leva a gente dentro, e os sonhos dentro da gente,
que aqui fora já não temos nem morada,
nem lugar.

A casa estranha do senhor chamado Malaparte é permeável aos sonhos.
Aos nossos sonhos.

É uma casa como nós.
E por isso, em silêncio,
é nossa, também.
Xiii...



coleção
Casas com nome

título
A casa do senhor Malaparte

texto
Joana Couceiro

ilustração
Mariana Rio

História baseada na tese de doutoramento em arquitectura
“A habitabilidade do espaço doméstico. O cliente, o arquitecto,
o habitante e a casa” de Ana Luísa Rodrigues

Coordenação editorial
Pedro Baía

Edição
Círculo de Ideias

Design gráfico
Studio Dobra

Fotografias de reprodução dos originais
Telmo Sá

© da edição
**Círculo de Ideias - Associação Cultural,
Joana Couceiro, Mariana Rio**

primeira edição
Setembro 2015

ISBN 978-989-99184-0-5

depósito legal 000000/00

apoios institucionais
**Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Norte
Câmara Municipal de Coimbra
Câmara Municipal do Porto
Trienal de Arquitectura de Lisboa
Centro Internacional das Artes José de Guimarães**

contactos
**Círculo de Ideias - Associação Cultural
Rua da Boavista 330, 4050-102
Porto, Portugal**

www.circodeideias.pt





circodeideias



9 789899 918405